ORAÇAM FUNEBRE

NAS EXEQUIAS REAES DA SERENISSIMA
Rainha de Portugal

D. MARIA SOFIA ISABEL N. SENHORA,

Celebradas na Real Caſa da Miſericordia de Lisboa,
aos 11. de Septembro de 1699.

DISSE-A

O Arcebiſpo de Cranganor
D. DIOGO DA ANNUNCIAÇAM JUSTINIANO,
do Conſelho de Sua Mageſtade;

OFFERECIDA
AO SERENISSIMO PRINCIPE

DOM JOAM N. S.

LISBOA, Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade. *Anno* 1699.
Com todas as licenças neceſsarias.

SENHOR:

ADor de Portugal expreſſa nos diſcurſos deſte papel, ſem mais adulação, que referir a verdade, & ſem mais adorno, que a ſimplez narração de tam altas prendas, ſão os gemidos, que por parte da ſua ſaudade tributa aos Reaes pès de V. Alteza o mais obſequioſo reſpeito, no golpe mais deshumano: & ſe a Providencia não diſpuzera, que em V. Alteza nos ficaſſe o retrato do Original que perdemos, ainda a morte da Rainha N. Senhora fora mais incomparavelmente ſentida. Mas como os filhos que ficão, igualmente herdão o ſangue, que as virtudes dos pays que morrem; em V. Alteza temos preſente o meſmo, que na Sereniſsima Rainha noſſa Senhora choramos morto: & com repreſentação tam glorioſa, que mal ſe pòde diſtinguir quem he a Idea, ou quem he a Copia. Veja-ſe

V. Alteza no espelho de si mesmo, & nas suas heroicas acçoens verâ juntamente as virtudes de S. Magestade, para desempenhar as obrigaçoẽs de transumpto tão soberano. A penna que escreve este Panegyrico he tam desigual do seu mesmo argumento, que só a Real benignidade de V. Alteza lhe poderá dissimular os defeitos: & a nativa clemencia da Magestade, que está em gloria, poderá conceder o perdão à sinceridade cõ que corre por excellencias tam portentosas: mas hum animo por tantos titulos magoado, não pode ser eloquente, & mais quando considera, que tendo a fortuna de preconizar a Portugal o faustissimo juramento de V. Alteza, teve tambem a desgraça de propor a este Reyno, nas Exequias de S. Magestade, o excessivo de huma perda tão grãde. Deos guarde a Real Pessoa de V. Alteza com as felicidades temporaes, & eternas, como somos obrigados a desejar a V. Alteza os seus vassallos. Lisboa 11. de Septembro de 1699.

D. Arcebispo de Cranganor.

Obtenebratus eſt Sol in ortu ſuo, & Luna non ſplendebit in lumine ſuo.
Iſaiæ cap. 13. verſ. 10.

Tè quando? oh morte deshumana! Atè quando? (Sereniſſima Rainha, & Senhora noſſa, a quem a ſem-razão da morte entre as ſombras funeſtas deſſa Urna triſte roubou aos noſſos olhos, para gravar a memoria de V. Mageſtade na perduravel lamina da noſſa ſaudade. Hum Throno tam eminente não teve privilegio para evitar hũ golpe tam barbaro; porque não ha cortina, que guarde as Mageſtades do pó da morte. A altura fez cahir mais depreſſa o rayo; & dominio tam ſoberano em todas as quatro partes do mundo fez funebre trãſformação em quatro palmos de terra, que ſendo na vida argumento para glorioſos elogios, hoje na morte he aſſumpto patetico para ſaudoſos epitaphios.)

Atè quando? oh morte deshumana! Atè quando inexoravel à voz dos noſſos ſuſpiros, & enſurdecida ao eſtrõdo das lagrimas que derrama a noſſa dor, com deſprezo da noſſa mágoa, has de atar ao carro dos teus triumphos os deſpojos da noſſa mortalidade? Atè quãdo irracionavelmente deſigual, has de unir o apreſſado dos voos ao tardo dos paſſos, ſendo para hũs anatomia de oſſos que anda, & para outros fouce que voa? Até quando a tua fouce igualmente ha de talhar as plantas, & os cedros? a tua eſpada cortar as flores, & o feno? o teu arco apontar as ſettas contra o valle, & contra o monte? e a tua tyrannia ha de proporcionar para o golpe os frutos do Outono, & as flores da Primavera? Até quando has de ſer impaciente, &

& ambicioſa? Ambicioſa, por cortar flores, & frutos: impaciente, por não reparar em perder frutos, ſó por cortar flores. Atè quando has de ſer orizonte do noſſo Orientẽ? Tumulo do noſſo Berço? Fiſcal da noſſa vida? Eſquecimento de toda a lembrança? Tribunal ſupremo aonde ſe decidem todas as cauſas dos viventes? Funeſta converſaõ de toda a grandeza? Eclipſe de toda a ſoberanía? Antipoda de toda a Mageſtade? E o dia da tua tumba, atè quando ha de ſer o dia dos noſſos annos, arrebatando intempeſtivamente para as ſombras do Occaſo àquelle meſmo Planeta, que para afugentar as trevas do teu Occidente, teve o ſeu Oriente entre rayos? Atè quãdo, finalmente, a farſa da tua zombaria não ha de fazer diſtincção de Purpuras, & de ſamarras? de canas, & de ſceptros? de Reys, & de vaſſallos? de paſtores, & de Monarcas? de Palacios, & de cabanas?

A todas eſtas perguntas commummente não dá reſpoſta a inſenſibilidade da morte, porque conhecendo a razão das queixas, não tem juſtificada razão com que ſatisfazer a eſtas perguntas: por iſſo quando a morte dá o golpe, fecha os olhos, porque deſarrezoadamente corta a morte às cegas. No eclipſe porèm fatal, que hoje choramos, & perpetuamente choraremos, tem a morte muito juſtificada razão para emmudecer mais, porque depois que aprendeo a matar as creaturas, nunca tanto como hoje foy irracional no emprego do ſeu tiro; pois indo caminhando o luminoſo Aſtro, que hoje nos falta, com tanta preſſa para os ſeus annos, que lhe faltava hum ſó dia para acabar o ſeu curſo; aſſim lhe cortou a morte os paſſos, que para não chegar aos trinta & tres annos, lhe eſcureceo hum dia primeiro os rayos: & para lhe amortalhar os reſplandores, lhe enterrou no dia do naſcimento as luzes, para que aſſim uniſſe o ſeu Occaſo ao ſeu Oriente.

Morreo S. M. em quatro, fazendo os annos em ſeis.

Enterrouſe no dia dos annos.

Eſta ſem-razão, que emmudece a morte para dar reſpoſta às noſſas perguntas, he o meſmo, que juſtifica a noſſa dor para o ſentimento de huma tal perda. Ver tanto Sol acabar em tão breve dia! Tanta luz ſepultada em tão pouca ſombra! Tanta neve desfeita em tão eſcaſſo pó! Tanto Aſtro caber em tão apertado tumulo! O berço da vida deſpojo da morte! O dia dos annos, dia do ſepulchro! E que tam abreviadas horas foſſem repreſentação da morte, & da vida! Apparecer para a noſſa ventura huma Rainha de tam altas prendas no breve curſo de trinta & tres annos, oh que aſſombro!

Mas

Mas que em menos de trinta & tres annos desapparecessem tão soberanos attributos, oh grande pena! Que em trinta & tres annos se fizesse huma Rainha tão portentosa, oh prodigio! Mas que huma Rainha tão admiravel se houvesse de sepultar em menos de trinta & tres annos, oh sentimento! Que quando esperavamos celebrarlhe os annos hum dia depois, hum dia antes lhe chorassemos a morte; oh lastima! oh sentimento! oh pena! oh dor!

Mas se a morte foy tão cruel, & tão inhumana, que se anticipou hum dia primeiro para dar a ultima hora à vida de S. Magestade; justo era que hum mez depois, a pezar da mesma morte, resuscitassemos nós, no modo possivel, à Serenissima Rainha: & se os Panegyricos, como diz Santo Ambrosio, dão nova vida aos mortos: *Videtur nobis in sermone reviviscere*; principiemos nós o Panegyrico de S. Magestade, para que ao menos nesta breve hora a tenhamos resuscitada, já que por tão largo tempo a havemos de chorar morta. Santo Ambrosio prègando as Exequias do Emperador Theodosio, disse, que supposto o lastimoso daquelle successo, com a repetiçam havia de magoar ao animo dos seus ouvintes, tambem as lagrimas com que chorassem disgraça tam grande, aliviarião a mágoa do seu coração enternecido: *Fletus refrigerat pectus, & mœstum consolatur.* Assim era na verdade, porque no funebre daquellas Imperiaes Exequias era igual o Orador ao argumento: mas não poderá ser hoje assim, porque o argumento destas Exequias Reaes he summamente desigual do Orador: & não sey se para satisfazer cabalmente a assumpto tam soberano, seria mais discreto acordo collocar naquelle Mausoleo (como lâ fizerão os Egypcios no tumulo do Principe Apis) huma imagem muda, para que apontando para o lugar daquellas Reaes cinzas, repetisse com eloquente silencio o mesmo, q̃ por veneração não sabem dizer as vozes, nem por respeito podem articular as linguas. As Magestades defuntas, dizia Tertulliano, tẽ huma notavel disgraça; & vem a ser, dependerem as suas acçoens, & a grãdeza da sua soberania, dos Panegyristas que as referem, & das linguas que as acclamão. E nesta materia, tal vez, tiverão melhor fortuna os vassallos, que os Reys: porque foy menos eloquente o Orador dos Reys, que dos vassallos. Mas esta disgraça não poderá ter a Magestade da nossa Serenissima Rainha, porque o brado grãde das suas Reaes prerogativas basta para supprir o limitado de todos os Panegyricos, principalmente em quem tendo razoens para emmu-

D.Amb. in Orat. Fun. Theodos.

D.Amb. ubi supr.

emmudecer reverente, eftá obrigado a fallar obfequiofo.

Para prègar neftas Reaes Exequias abri o livro das Efcrituras, & na morte de huma Rainha encontrei no Capitulo 13. de Ifaias, fe não proporcionada allegoria, que iffo era impoffivel, alguma femelhança, porque defcobri na Efcritura ao Sol, & a Lua mortos no dia do feu nafcimento. O Sol defunto com a morte natural, a Lua morta de fentimento pelo occafo do Sol: *Obtenebratus eft Sol in ortu fuo, & Luna non fplendebit in lumine fuo.* O Sol efcureceo-fe, porque realmente no dia dos feus annos morreo o Sol: a Lua eclipfoufe de mortal dor, porque ao feu Sol vio morrer em o dia dos feus annos. O Sol morto, & como tal no dia dos annos fepultado, diz Hugo, foy Balthafar, porque com effeito no dia dos feus annos fe fepultou, & morreo: *Obtenebratus eft Sol in ortu fuo, ideft Rex Balthafar mortuus eft in die natalis fui.* A Lua eclipfada pela morte do Sol, em dia tão celebre, foy a Rainha fua efpofa, porque neffe dia morreo à efficacia do fentimento, por ver defunto aquelle efpofo, a quem com o coração fez entrega dos affectos: *Et Luna non fplendebit in lumine fuo, ideft Regina uxor Balthafar.* E fe o efpofo fe fepultou morto em o dia dos feus annos, porque fe lhe acabou neffe dia a fua vida: a efpofa, diz a Interlineal, morreo com tal exceffo pela fingularidade da dor, que depoftas as infignias de Rainha, fe eclipfou defunta, porque o Sol fe efcureceo morto: *Non fplendebit amplius Regina apparatu Regio.*

Hugo hic.

Gloff. hic.

Efte Texto, quanto ao fentido litteral, já teve execução, porque o fentimento de ver ao Rey feu efpofo defunto, & fepultado no dia dos feus annos, matou a Rainha, que foy efpofa daquelle Rey. Faltou porèm em o Rey femelhante fineza, porque ainda nos não confta de nenhum Rey morto pela efficacia da pena, por ver morta, & fepultada em o dia dos feus annos a Rainha fua efpofa. Só na morte da Sereniffima Rainha de Portugal Dona Maria Sofia Ifabel, noffa Senhora, vemos a efta fineza, porque pelo fentimento fe efcureceo o Sol do feu fereniffimo efpofo, quando no dia dos feus annos, pela morte fe eclipfou a Lua da fua efpofa fereniffima. Imitou o efpofo defta Rainha o amor da efpofa daquelle Rey; porque fe a efpofa fe eclipfou, porque o efpofo no dia dos annos morreo: hoje fe eclipfa o efpofo, pois a efpofa morreo no dia dos annos. Lá a morte foy no efpofo, & a dor na efpofa: aqui a morte foy na efpofa, & a dor no efpofo. Lá, porque o eclipfe foy no Sol, foy o defmayo na Lua:

aqui

aqui, porque a Lua desmayou, por isso o Sol se escureceo. Assim forão mutuas as trevas na Esposa, & no Esposo, que o Esposo ficou escurecido, quando a Esposa foy eclipsada. Como a Esposa he ametade do coração do esposo, não podia no esposo ficar o coração inteiro, partindo-se na morte da Esposa o coração do Esposo. Na Esposa foy a morte necessidade da natureza, no Esposo foy a morte obrigação da fineza; porque se a Esposa he a alma do Esposo, quem vio já mais apartarse a alma, & ficar vida? O Esposo, & a Esposa, diz S. Pedro Chrysologo, saõ hum dous, dous hum, outro o mesmo: *Fecit Deus, ut sit homo, unus duo, duo unus, alter ipse.* Se saõ hum dous, não pòde viver hum quando morre o outro. Se saõ dous hum, não se pòde destruir a unidade, para que hum pereça, & o outro exista. Se saõ outro o mesmo, não se pòde destruir a identidade, & fazer diviso o mesmo, que he inseparavel. He logo o occaso do Esposo occidente da Esposa, & o sepulchro da Esposa tumulo do Esposo, porque ambos ficão escurecidos, quando qualquer delles he o eclipsado. No eclipse porèm destes dous Astros, ainda que as trevas forão iguaes em ambos os Planetas, ponderemos nòs principalmente as sombras da Lua, & nellas veremos a correspondencia nos desmayos do Sol, porque neste caso ficou o Sol morto, porque a Lua foy a defunta: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendebit in lumine suo.*

Chrysol. ser. 95.

A Lua no termo da sua duração tem quatro estados: apparece Lua nova coroada de rayos: cresce no luzido dos seus resplandores: enche toda a roda da sua grandeza com o singular das suas prerogativas: & mingua lastimosamente no eclipse, aonde sepulta toda a sua luz, & toda a sua gala. He a luz nas Escrituras chamada Rainha do Ceo, diz Laureto: *Luna Regina Cæli.* E huma Rainha, que he do Ceo, ainda que tambem o fosse da terra, convinha que tivesse na terra as propriedades que no Ceo tem a Lua Rainha das Estrellas. Para chorarmos mais amargamente o eclipse deste Real Astro, ponderemos os quatro estados que teve a formosa Lua, que hoje veneramos, & eternamēte veneraremos sepultada não tanto no funesto deste triste ornato, quanto na excessiva mágoa do nosso coraçaõ affligido, & no minguāte dos seus resplādores veremos como o Sol tem eclipsado os seus rayos: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendebit in lumine suo.*

Sylv. Alleg. verb. Reg.

Então apparece a Lua nova em o nosso Orizonte, quando coroada

roada de luzes apparece no seu Oriente a Rainha das Estrellas. O Sol sepulta os rayos, para que a Lua avive os resplandores, sendo a magestade dos seus reflexos lingua, que com tremulo brado chamão a todos, para lhe adorarem no berço os primeiros passos com que caminha para o nosso emispherio. No dia 6. de Agosto (entre os antigos reputado por felicissimo Oriente para o nascimento de Principes) appareceo em Dusseldorpio do Rheno, como Lua nova, a Serenissima Rainha nossa Senhora coroada de tantas luzes, quantos lhe communicàrão rayos os dous gloriosos Planetas, que influíraõ em o seu ditoso nascimento. Nasceo em Agosto mez destinado para o nascimento dos Cesares. Em seis deste imperial mez nasceo do sangue Imperial a nossa Serenissima Rainha, dia em que o Sol deu mais actividade aos rayos, para na transfiguração fazer mais pomposa gala das luzes: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* Dia da Transfiguração de Christo, porque nascendo Sua Magestade para o Ceo, era bem que na terra se visse no seu nascimento o retrato da gloria: & para que no Thabor, que foy o theatro deste mysterio, se annunciasse o nascimento da nova luz, que havia de apparecer neste dia: *Thabor, idest veniens lumen*, disse Laureto. Mas porque o nascimẽto da luz, q̃ jà então estava destinada para este dia, não havia de ser então, porque havia de succeder depois: já então os rayos no Thabor erão suspiros, nam só pela luz que o coroava então, mas tambem pelos resplandores com que ao depois em semelhante dia se havia de illustrar a sua eminencia com o nascimento futuro da nova luz de Sua Magestade: *Thabor veniet lux*, disse o Author das Allegorias. Ou cõsiderando-se néste dia tam resplandecente o monte, já então se alegrava, porque a Providencia tinha feito eleiçaõ deste dia, para que outra luz no futuro tivesse no Thabor o theatro da sua magestosa grandeza: *Thabor, idest electio*, disse o mesmo Laureto. Ou se o Thabor se interpreta pureza: *Thabor, idest puritas*, nam podia deixar de lhe pertencer o nascimento daquella Senhora, em quem o singular das virtudes, & o illustre do sangue haviaõ de ter tal pureza, que o sangue devia ser por todas as razoens illustrissimo, & as virtudes por todos os titulos heroicas. Em dia pois por tantas circunstancias sagrado appareceo a nova luz de Sua Magestade, para dahi a trinta & tres annos a choraarmos amortecida, não nos sendo novo ver no futuro na Trãsfiguração o eclipse da morte, pois à transfiguração se applicou na pratica a morte, que ao depois havia de

Felix Gerardo no seu Itinerario, no dia 6. de Agosto.
Gl. antichi reputavano felici queli, che nascevano in questo giorno.
Agosto tomou o nome de Cesar, porque nasceo neste mez.
Matth. c. 16. v. 2.
Sylv. Alleg. verb. Thob.
Ibidem.
Ibidem.
Biblia in interpretat. nominũ Hebraicorum.

de ſucceder em o Sol: *Dicebant exceſſum ejus*; & nam era muito que Luc. c. 9. v. 31. ao depois na Transfiguraçaõ morreſſe a Lua, quando o Sol tratou de morrer em a transfiguraçaõ.

Os Aſtrologos, que viraõ naſcer a Sua Mageſtade, para medirem os rayos da ſua luz na Aurora do ſeu naſcimento, & fazerem prognoſtico dos ſeus progreſſos, haviaõ de obſervar os Aſcendentes do ſeu berço, as Eſtrellas predominantes no ſeu Oriente, o ſenhor do anno, a caſa aonde ſe achava o Sol, & os tẽpos em q̃ eſta nova luz principiava a dar os primeiros paſſos no ſeu naſcimento. Mas nam podia ſer tam certo o ſeu prognoſtico para a noſſa dita examinando os Aſtros, como ſeria infallivel a grandeza de Sua Mageſtade para a noſſa ventura, ſe ſe examinaſſem os glorioſos Pays, que foraõ a raiz fecunda donde naſceo eſta Real flor por tantos titulos. Erraõ os homens ſe ſe perſuadem, que os Aſtros influem no naſcimento dos Principes; porque os pais dos que naſcem, ſaõ os Planetas que influem nos filhos que apparecem. Quem pois quizeſſe prognoſticar a grandeza de Sua Mageſtade no ſeu naſcimento, mais devia attender aos troncos, que aos Planetas: mais devia examinar aos pays, que às Eſtrellas: mais ponderar os Aſcendentes, que o Aſcendente, porque ſendo aquelles tam illuſtres, naõ podia naſcer delles couſa que naõ foſſe heroica. Dos Pays de S. Mageſtade corrèraõ, como de hum profundo mar, para o naſcimento da Sereniſſima Rainha, os caudeloſos rios do ſangue de todas as Caſas Reaes de Europa: & aſſim como para a ſua compoſiçaõ, em quanto Lua nova, correo para o naſcimento de S. Mageſtade o ſangue de Portugal, de Auſtria, de França, de Caſtella, de Inglaterra, de Sicilia, de Suecia, de Dinamarca, de Bohemia, de Ungria, de Saxonia, de Lorena, de Baviera, & do Palatino: aſſim hoje no ſeu eclipſe derramou a morte o ſangue de todas eſtas Mageſtades, aſſuſtando em todos os Monarcas as Coroas, & tingindolhe de novo as Purpuras. E Pays tam illuſtres, que deraõ naſcimento tam heroico a Filha tam ſoberana, eſſes baſtaõ para o titulo de tam Real parto, porque eſses ſaõ o Index de Filha tam portentoſa.

Tres vezes encontro nas Eſcrituras a Chriſto como Rey: hũa em o naſcimento, outra no Calvario, & na Aſcenſaõ outra. Reparou muito Origenes na diverſidade, que ſe obſervou com a regalia de Chriſto na Cruz, & nos outros Myſterios; porque ſendo Chriſto Rey em a Aſcenſaõ: *Quis eſt iſte Rex gloriæ?* ſendo na Pſ. 23. v. 8. Cruz

Matth.c.27. v.37. Cruz Rey: *Rex Judæorum*; & ſeudo Rey no Naſcimento: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex?* No Naſcimento, & na Aſcenſaõ nam teve o titulo de Rey, ſó o teve na Cruz: *Scripſit autem, & titulum Pilatus.* Pois porque ſe nam eſcreveo eſse titulo na Aſcenſaõ, ou no Preſepio, & ſó ſe eſcreveo no Calvario? Se a Providencia o gravou na Cruz, para que ninguem ignoraſse a grandeza do Crucificado, nam lhe era menos neceſsario eſse titulo para o Triunfo, que para o Naſcimento; porque os Magos havião de indagar o lugar aonde eſtava o Rey: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex?* Para o triunfo, porque huma, & muitas vezes lhe havião de perguntar os Anjos, quem era o que triunfava com tanta pompa: *Quis eſt iſte, qui venit de Edom?* Eſcreva-ſe logo na Aſcenſaõ o titulo, para que levando-o Chriſto em o ſeu triunfo, ſe ſaiba a Mageſtade do Rey, que ſobe: & abra-ſe no Portal do Preſepio o titulo, para que ſe conheça o Rey, que naſce. Na Cruz entre as afrontas ha de haver hum titulo, que publique a grandeza de quem padece os oprobrios; & no Naſcimento, & triunfo não ha de haver titulo para dar a conhecer ao Senhor, que naſce, & triunfa, evitando-ſe deſta maneira as perguntas dos Anjos, & dos homens? Não, diz Origenes: porque na Cruz igualmente ſe ignorava quem foſse o Pay, & quem foſse a Mãy de Chriſto. A Mãy, porque Chriſto naõ expreſsou eſse titulo, & ſó lhe chamou mulher: *Mulier.* O Pay, porque todos os Judeos, ainda que maliciosſamente, ignoravaõ a Paternidade de Deos em ordem a Chriſto, pois o crucificáraõ, porque ſe naõ quizeraõ perſuadir, que Deos era ſeu Pay: *Secundum legem debet mori, quia Filium Dei ſe fecit.* E como o Pay, & a Mãy de Chriſto ſe lhe ignorava na Cruz, foy neceſsario huma eſcritura publica, que manifeſtaſſe a ſua dignidade, & hum titulo por onde ſe conheceſſe a ſua regalia. Como porèm no Ceo os Anjos lhe conheciaõ o Pay, & no Naſcimento ſe eſtava vendo com os olhos o Pay putativo, & a Mãy verdadeira, conhecidamente deſcendentes da Caſa Real de David: *Ioſeph Fili David:* no Naſcimento, & no Ceo para o Filho era ſuperfluo o titulo, porque no triunfo o Pay era o ſeu Index, & no Naſcimẽto o Pay, & a Mãy era o titulo melhor aonde ſe lia a grandeza do que naſcéra, & do que triunfára. *In Cruce*, diz Origenes, *In Cruce quidem habet ſcriptum Rex Iudæorum; aſcendens autem ad Patrem pro litteris, & pro nomine habet ipſum Patrem.* Aonde ſe lhe nam vio o Pay, veja-ſe-lhe o titulo para haver noticia do Filho; mas aonde ſe lhe conhecia

Marginal notes: Matth.c.27. v.37. — Matth.c.2. v.2. — Joan.c.19. v.19. — Iſai c.63. v.1. — Joan.c.19. v.26. — Ibid.v.7. — Matth.c.1. v.20. — Orig.tract. 35. in Matt

o Pay, & a Mãy, era para o Filho outro titulo superfluo, porque do Filho era o melhor titulo a Mãy, & Pay.

E feito he a mesma verdade, nascendo a nossa Serenissima Rainha de huns Pays tam illustres, nam he necessario indagarmos-lhe nós no seu ditoso nascimento mais grandeza, que o nascer de taõ illustres Pays. O magestoso dos resplandores, que a coroáraõ no seu felicissimo Oriente, saõ os portentosos rayos dos dous admiraveis Planetas, que em Sua Magestade influíraõ toda a dita. As Reaes prerogativas, que adornáraõ a este novo Astro, nam dependem de mayor encomio, que do conhecimento das duas brilhantes Estrellas, que no seu nascimento foraõ Authoras da sua grandeza. Os dotes da natureza já entaõ foraõ grandes, mas para se dizerem excessivos, escusaõ mayor encarecimento, que o simplez nome dos facundissimos Pays que lhe communicárão as luzes, porque a respeito desta prerogativa todo o encarecimento he curto, todo o louvor limitado, & toda a exageração defectuosa. Quem teve excellencias tam soberanas, para se lhe conhecer toda a sua grandeza, basta o Author de prodigio tam admiravel. O Author he todo o seu Panegyrico, & todo o mais elogio ou he eloquencia superflua, ou exageração redundante.

Falla o Espirito Santo do Sol, & diz-nos que he admiravel o Sol no seu nascimento: *Sol in aspectu, idest in ortu*, diz Hugo Cardeal, *Sol in aspectu annuntians, in exitu vas admirabile.* Notavel caso, que ao tempo em que o Espirito nos quer dar a conhecer as prerogativas com que nasce o Sol, nos não refira outra cousa mais que o seu nascimento: *In ortu*, & a sua admiração: *Admirabile*, sem nos dizer o porque he o seu nascimento admiravel! O Sol nasce no Ceo primogenito das luzes, pay dos Astros, principe das Estrellas, & senhor de todos os Planetas. Na terra benigno anima as flores, próvido cria as plantas, fecundo produz os metaes, & conforme o Filosofo, he o Sol Author da geração de todos os homens. Pois se o Sol nasce grande por tantos titulos, se tem prerogativas tam raras, porque razão o Espirito Santo lhe não refere as prerogativas, nem lhe encarece os titulos quando lhe descreve o nascimento? Diz-nos que nasce: *In aspectu annuntians*, & que o seu nascer he admiravel: *Vas admirabile?* & depois de huma narração tam breve suspende o Panegyrico para as excellencias do Sol? Sim: porque nos diz o Author do nascimento: *Sol in aspectu annuntians, in exitu vas admirabile*

Ecclef.c 43. v. 2.
Hugo hic.

rabile opus excelſi. E quem para o naſcimento do Sol dá hum Author tam grande, ſuſpende para mais encomios o diſcurſo, porque na grandeza do Author fez todo o Panegyrico ao Sol. Hum Sol que tem as luzes participadas de hum Author tam raro, que em tudo he excelſo: *Opus excelſi*, que ſe lhe póde dizer para a ſua grandeza, que não ſeja ou diminuição da ſua ſoberania, ou offenſa da ſua ſingularidade? Quẽ quizer ſaber o porq̃ o naſcimento do Sol he admiravel, veja quem he o Author deſte naſcimento, & depois que lhe conhecer ao Author, confeſſando ao naſcimento por admiravel, ſe deſenganará que o Author baſta para o fazer prodigioſo.

Forão os Pays de Sua Mageſtade tam grandes, que em tudo forão excelſos: excelſos no ſangue, excelſos nos titulos, excelſos na virtude, & em tudo excelſos. E quem teve tam excelſos Pays, canonizado tem por admiravel ao ſeu naſcimento. Para o Sol ſer grande, baſtalhe o Author dos rayos; & para a noſſa Lua ſer portentoſa, porque lhe não baſtarão os illuſtres Pays, que como Authores lhe communicárão no naſcimento as luzes? Oh Lua prodigioſa! E quantos emiſpherios deſejarão coroar já naquelle dia aos teus rayos, ainda quãdo todos não podião ver as tuas prerogativas! Já então quizerão todos os Reynos o diadema dos teus reſplandores, para ſeres ſem nenhuma duvida a Rainha dos ſeus dominios! Mas como ſó Portugal mede o ſeu Imperio pelo gyro do Sol, lá mandou ao Sol como ſeu ſubdito para te dar o parabem do teu Oriente: & como naſceſtes nos termos do ſeu dominio, lá te mandou pelo Sol offerecer a ſua Coroa, jurandote já no berço a vaſſallagem. Portugal na embaixada com que mandou ao Sol que adoraſſe a tua luz, ſe prevenio primeiro que todos; por iſſo quando os outros Imperios ſuſpiravão, porque podias ſer ſua Rainha, Portugal ſe alegrava, nam pelo que podias ſer, mas pelo que eras, pois já naſceſtes ſua Senhora nos primeiros progreſſos do teu naſcimento. Já Portugal eſtava elegido, quando os outros Reynos eraõ pertendentes; porque o Sol que lhe divide o Imperio, foy o primeiro, que em nome dos Portuguezes a dorou aos teus rayos.

Buccinate in Neomenia tuba, in inſigni die ſolemnitatis veſtræ. Fazei todos, dizia David, huma grande feſta, porque appareceo no Oriente a Lua nova, & para eſſa ſolemnidade tem hum preceito os Iſraelitas: *Quia præceptum in Iſrael eſt.* A razão deſta feſta parece que devia de diminuir a ſolemnidade do naſcimento da Lua nova;

Pſ.80.v.4.

Verſ.5.

por-

porque David chama a todos, segundo o titulo do Psalmo, para a festa: *Asaph, idest fidelibus Christianis*, disse Hugo. E agora explica o Profeta, que para esta festa tinhaõ hum preceito os Israelitas. Nam era logo para todos o preceito. Pois se para todos nasce a Lua nova, & para todos he o seu nascimento; como o preceito de solemnizar a Neomenia, nam he para todos, & só he para Israel? Se he só para Israel, convide o Profeta para os applausos da Lua nova sò aos Israelitas, & naõ às demais naçoens. Mas chama a todos, & sò para Israel he o preceito: *Quia praceptum in Israel est?* Sim: A Lua nova nasceo com taes privilegios, que nasceo desejada para Senhora, & Rainha de todas as naçoens do mundo; mas sò os filhos de Israel a tiveraõ como sua Rainha, & Senhora, conforme o Texto de Jeremias no capitulo septimo, & no capitulo quarenta & quatro, porque como Rainha veneravaõ a Lua nova nos seus sacrificios: *Faciant placeusas Regina Cali, idest Luna*, disse Hugo, *quam adorabant Hebrai. Nos sacrificamus Regina Cali, idest Luna*, escreveo o mesmo Hugo. E mais claro o Author das Allegorias: *Reginam Cali dicebant Lunam, quom Iudai interdum coluerunt.* Pois Lua nova, que para todos nasce tam portentosa, para todos he solemne o seu nascimento: *In insigni die solemnitatis*; mas para os que a haõ de ter por Rainha, a solemnidade he de preceito: *Quia praceptum in Israel est.* Para os outros que só a puceraõ ter por Senhora, he obsequio a solemnidade; mas para os que a tem por Rainha, he de preceito o seu nascimento. Todos solemnizão a Lua quando nasce, porque no desejo pòde ser para todos o nascimento da Lua; mas os que tem a dita de já no berço se lhe destinar a Lua nova por sua Rainha, tem preceito para a solemnizar como a sua Senhora, porque já então tem a ventura de a adorarem como seus vassallos: *Quia praceptum in Israel est.*

Ierem. c. 7. v. 18.
Hugo hic.
Ierem. c. 44. v. 19.
Hugo hic.
Silv. Alleg. verb. Regi.

Quantas Coroas desejáraõ que a nossa Serenissima Lua nascesse só para a sua gloria, & nam para outrem? Quantos Imperios delineáraõ as suas felicidades nos auspicios de seus rayos? Quantos Reynos ideáraõ o como fariaõ proprios os seus resplandores? Quãtos, & quam grandes dominios pertendérão adorar aos seus reflexos, só para terem a fortuna de os illustrar a sua luz? E porque no seu nascimento, ainda humanamente, nam estavão para ninguem destinadas as suas prendas, todos celebrárão o seu Oriente; mas depois do felicissimo dia, dous de Julho, em que a Lua nova principiou a ter em Portugal o seu proprio emispherio, ficou para todo o mundo cele-

Foy o dia dos desposorios 2. de Iulho de 1687.

bre

bre o seu berço: para Portugal por preceito, porque entaõ se declarou sua Rainha; & para as outras naçoens por obsequio, porque tendolhe já no Oriente sacrificados os affectos, esperavão que se a Lua nova as nam coroou, com os rayos que ao depois haviaõ de sahir da Lua nova, coroariaõ aos seus Imperios, & teriaõ mais felicidade nos resplandores, que a Lua concedesse aos seus dominios, do que se a mesma Lua illustrasse aos seus Estados; porque os soberanos reflexos, que sahissem da sua luz, seriaõ resplandores de hum Monarca tam pottentoso, & de huma Lua tam admiravel.

Graças porem à Providencia Divina, que para nós fez nascer a este Real Astro, & sò para nós produzio em hum dia tam grande huma Lua tam prodigiosa, sendo sò para a nossa dita o seu faustissimo nascimento; & com circunstancias tam portentosas, que sò para Portugal foy destinada já do berço esta Rainha Serenissima. Foy cousa notavel, & singular, que as duas primeiras Filhas, que a Imperial Casa de Sua Magestade concedeo para os desposorios dos Monarcas, nascessem ambas em o mesmo dia, bem que em diversos annos, & em differentes mezes. A Augustissima Emperatriz nasceo em 6. de Janeiro de 1655. & a nossa Serenissima Rainha nasceo em 6, de Agosto de 1666. Ponderemos os dias, logo repararemos nos annos. Este acaso me parece, que nam carece de mysterio. De modo que as primeiras duas Princezas, que na Casa de Sua Magestade se coroáraõ, nascendo em mezes, & annos differentes, conformáraõ-se nos dias para o nascimento? E porque nam nasceo Sua Magestade em 6. de Janeiro, mas em 6. de Agosto? E a Augustissima Emperatriz, porque nam nasceo em 6. de Agosto, mas em 6. de Janeiro? Direy: Em 6. de Janeiro era dia de Reys, & entaõ foraõ tres Reys ao Presepio, diz o Veneravel Beda, & Ruperto, porque atè aquelle dia sò se tinhaõ descuberto as tres partes do mundo, ficando ainda a America desconhecida aos homens: *Tres Magi, tres mundi partes, Europam, Asiam, & Africam.* E como nam teve naquelle dia parte o Rey da quarta parte do mundo, que sò he o de Portugal, por isso Sua Magestade nasceo em outro dia, porque sò para Portugal foy o nascimento de Sua Magestade. Assim a destinou Deos para o nosso remedio, que nam permittio que tivesse o seu Oriente em outro dia, senaõ naquelle em que na quarta parte do mundo o seu Monarca pudesse ter a representaçam mais gloriosa. Em que dia havia de ser nascimento tam admiravel, senaõ no dia 6. de

Beda hic.
Rupert. l. 2. in Matth.

de Agosto, em que Pedro na Transfiguração havia de ter tam grande parte: *Assumpsit Petrum*: para que nos désse a entender o Ceo, que para Pedro já destinava desde então a luz, que havia de apparecer naquelle dia. O Thabor significa a Maria, diz o nosso Santo Antonio: *Thabor Mariam significat*: & como não havia Pedro ter a posse de Maria em 6. de Agosto, se a Providencia levou a Pedro para este dia: *Assumpsit Petrum*? com dominio tam soberano em dia tam admiravel, que como se de Pedro fosse sò este dia, a Pedro como cousa propria pertencia a accómodação do dia, & das pessoas que nelle apparecérão: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, & Eliæ unum*, tendo para si feito eleição de ficar naquelle monte: *Bonum est nos hic esse*, porque sò no monte, que era Maria, em 6. de Agosto havia de ter Pedro a sua permanencia, deixandonos na sua Real successaõ a companhia: & com mysterio em 6. de Agosto havia de Pedro assegurarnos a assistencia: *Hic esse*, porque havendo de escolher Pedro meyo para viver perpetuamente nos nossos coraçoens, primeiro procurou a assistencia no dia 22. de Junho, pertendendo nas saudosas memorias da Serenissima Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, deixarnos a sua Real successaõ nos frutos que em ambos os Monarcas prometião as primaveras de tantas flores. Mas este beneficio não estava concedido ao dia 22. de Junho, em quem a Serenissima Rainha Dona Maria Francisca teve o seu nascimento; mas ao dia 6. de Agosto, porque sò a este dia estava firmemente prometida a assistencia de Pedro: *Hic esse*: não a Maria em 22. de Junho, mas a Maria em 6. de Agosto, porque o nascimẽto do Sol sò estava promettido a esta Aurora. A Maria em 22. de Junho foi concedida a flor na falta do fruto; mas a Maria em 6. de Agosto forão concedidas as flores, & os frutos.

Matth. c. 17. v. 1.

Serm. de Transfig.

Vers. 4.

Ibidem.

Do primeiro matrimonio nasceo huma sò filha. Do segundo cinco filhos, & duas filhas.

Não só nasceo Sua Magestade em 6. de Agosto, porque este dia foy especial de Pedro, mas tambem no anno de 1666. porque, segundo a nossa memoria, foy o mais celebre anno para as esperanças de Portugal. O anno mais decantado nos desejos da esperança Portugueza foy o de 1666. porque neste anno esperavão muitos Portuguezes a vinda do Encuberto; mas enganàrão-se no objecto da esperança, porque esse anno não era para vir o Encuberto, mas a Encuberta, porque nesse anno envolta nas faxas do seu berço appareceo a nossa Serenissima Lua, para renascerem as nossas esperanças, & para resuscitar a barenia dos nossos Monarcas.

No anno de 1666. esperavaõ os Sebastianistas o Encuberto.

Oh

Oh Lua admiravel! & quanto cegão lá os teus rayos nas primeiras Auroras da tua vida! Jà então o nosso desejo pertendia, que Alemanha fosse para o teu nascimento o mesmo que o Oriente he para a Aurora: berço para nascer, mas não lugar permanente para o Real Astro que então nascia. Queriamos que lá tivessem muito embora os annos da Lua o prologo, mas que Portugal fosse o theatro em quem tivesse a sua representação a Lua. Fossem lá muito embora os Orizontes, com tanto que Portugal fosse o lugar aonde como em proprio emispherio se produzissem os rayos. Mas ay! & que pouco permanente que foy a vida da Lua nova! A nossa ventura esteve no seu Oriente, mas foy tal a nossa disgraça, que pedindo os rayos da Lua nova mais dilatado mapa, para se conservarem no Sol, & na Lua as luzes, já se escurecèrão as luzes do Sol, porque já não brilhão os resplandores da Lua: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendebit in lumine suo.*

Quem como Lua nova appareceo no berço do seu Oriente, nos reflexos, & augmento dos seus rayos, não podia deixar de ter para a sua luz o Quarto crescente dos seus resplandores. Esta grandeza teve Sua Mageſtade nos seus felicissimos desposorios, dispondo a Providencia que em Portugal tivesse Sua Mageſtade o dominio. Naquella fatal inundação em que a disgraça levava a naufragar o nosso Reyno na falta da baronia, lançou Portugal os olhos por toda Europa, para dar condigna Esposa ao seu Monarca, & só Sua Mageſtade foy quem lhe roubou os affectos, para nos deixar o nosso Serenissimo Rey eternizada a sua memoria nos multiplicados frutos da sua Real successaõ. Este foy o augmento com que Sua Mageſtade coroou os resplandores do seu Oriente. Não podendo crescer as singulares prendas com que esta Serenissima Senhora appareceo no seu nascimento; só os seus desposorios lhe puderão augmentar a sua grandeza, porque communicadas as luzes destes dous soberanos Planetas, ficou o Sol mais luzido, & a Lua mais resplandecente. Nam podia unirse a melhor Estrella o Sol, nem a Lua em outrem mais que no Sol podia ter condigna uniaõ da sua grandeza. Nam tem nos seus desposorios que envejar a Lua nova, em as duas resplandecentes Estrellas de suas Serenissimas Irmãs, o Sceptro de Alemanha, & a Coroa de Castella; porque neste globo sublunar o ambito da Coroa de Portugal he o compendio do gyro do Firmamento, & tam dilatado o circuito do seu Imperio, que começando

o Sol

o Sol a medilo desde o nascimento, nam acaba a empreza senão quãdo morre. Os desposorios dos outros Monarcas prometem a homenagem em Estados, jurão as vassallagens em Provincias, & concedem as obediencias em Reynos: mas Portugal em todo o mundo concede as obediencias, jura as vassallagens, & promete a homenagem às suas Rainhas pela fortuna dos seus desposorios. Oh que felicidade para Portugal nos Epitalamios desta Serenissima Senhora! Mas oh que excesso de prerogativas resultàraõ a esta Senhora Serenissima pela união dos seus Reaes desposorios!

Pareceme na verdade, que vendo os demais gloriosos Irmãos, a quem a natureza concedeo o Real sangue da Rainha nossa Senhora, & a precedencia nos annos, pareceme que vendo nascer a esta Serenissima Irmãa, admirados das suas grandes prerogativas, & feridos com a excessiva luz dos seus rayos, lhes ouço fazer huns aos outros aquella pergunta, com que em semelhante caso se suspendèrão os Irmãos de outra Princeza, vendo-a nascer herdeira do seu mesmo sangue: *Soror nostra parva, & ubera non habet: quid faciemus sorori nostræ in die, quando alloquenda est?* Que faremos a esta nossa Irmãa, que ainda agora no seu nascimento he tam pequena, que apenas tem apparecido como Aurora no seu Oriente? Que festas, & que solemnidades lhe seráõ devidas á sua grandeza, quando vier aquelle celebre dia, em o qual, já passados alguns annos, se poderá fallar a esta Princeza, diz Glyslerio: *In die quando alloquenda est, idest quando sermo fiet ei?* Notay: que nascendo esta Princeza tam prodigiosa, toda a sua grandeza se lhe não admira pelo dia em que nasce, mas pelo dia que se lhe destina. Pois se os Serenissimos Irmãos lhe reconhecem por tam celebre ao seu Oriente, porque sò se admirão, & preparaõ para o outro dia, que succederá ao seu nascimento? Sabem porque? diz Glyslerio: porque no nascimento fela Deos nascer Princeza; no dia porèm de que se admiraõ os Irmaõs, ha de fazela Rainha: *Iuxta æterni Patris complacentiam in Regiam, & sponsæ dignitatem dato evecta sit Regno.* E quando succederá esta grandeza a Princeza tam gloriosa? O mesmo Padre o disse: No dia dos seus desposorios: *In die quãdo alloquenda est, scilicet matrimonio copulanda.* E o dia mais glorioso das Princezas, nam he quando nascem Princezas, he sim quando se desposaõ Rainhas: *In die quando alloquenda est, idest matrimonio copulanda.* Permitime allegorizar este Texto, porque he proprijssima deste caso a allegoria.

Cantic. c. 8. v. 8.

Glysl. fol. mihi 937. n. 5. L. F. §. Æmulor Exposit. 3.

Glysler. hic fol. mihi 935 Exposit. 2. §. De hoc n. 3.

Glysl. Expos. 1. fol. mihi 934. §. Notandũ in fine.

Quem

Quem he, ou quem foy esta Princeza, para quem foram tam faustos os seus desposorios? Foy huma filha de hum Principe: *Filia Principis:* ou como lè Simmacho, foy filha de hum Duque: *Filia Ducis*, sem controversia Principe illustrissimo por todos os titulos. Este Principe, ou este Duque na opiniaõ commua foy Abraham, como notou Glyslerio, o qual por antonomasia se interpreta o Pay excelso: *Pater excelsus*; porque de Abraham, como de illustre tronco se derivàraõ como seus netos, os Monarcas, & os Reys: *Reges ex te egredientur*: predicados, que cõ toda a propriedade se attribuem ao Augustissimo Pay da nossa Serenissima Rainha. Na qualidade Principe: *Filia Principis*. Na dignidade Duque: *Filia Ducis*; & na descendencia excelso, porque raro serà o Emperador, ou Rey, que com o tempo nam tenha a prerogativa de ser seu neto: *Reges ex te egredientur*. Esta Princeza chamava-se Maria, diz Glyslerio: *Perpulcher summam Mariæ explicans solicitudinem*. Juntouse-lhe ao soberano nome de Maria o de Sofia, porque se Sofia quer dizer Sabedoria, a Sabedoria foy a Esposa de quem falla o Texto: *Sapientiam quæsivi sponsam mihi assumere*. Ao nome de Maria Sofia se lhe agregou o de Isabel; porque se Isabel igualmente quer dizer juramento de Deus, que septenario sagrado: *Elisabeth, idest juramentum, & sacrum septenarium*; sete partos teve esta Princeza, que na opiniaõ commua foy a Igreja, porque teve sete Sacramentos: & nesta Princeza tinha Deos prometido cõ a verdade do seu jurameto dar a Portugal a fecundidade, para reparo da decima-sexta geraçaõ atenuada: *Et in ipsa decimasexta generatione, attenuata prole respiciã, & videbo*. Deu Deos a esta Princeza hũa fecũdidade tam grande, que como dissemos, lhe deu em sete Sacramentos sete partos; & a esta fecundidade, diz Sottomayor, lhe ajuntou Deos a idade de trinta & tres annos, porque esta na doutrina de Paulo he a idade perfeita: *In mensuram ætatis plenitudinis Christi. Bonorum omnium*, diz Sottomayor, *copiam nunquam deficientem: atque lætitiam, quæ ex pietate proficitur: fæcundam & sobolem: nec non ætatis integritatem*. E finalmente para que nenhuma circũstancia nos falte, esta Esposa foy Esposa de Pedro, porque a Pedro especialmente se entregou esta Esposa; que na opiniaõ commua foy a Igreja: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam*. E por isso nam sem mysterio, diz Glyslerio, se celebràraõ em dia do Espirito Santo os Epitalamios desta Esposa: para que nesse dia, diz este grande Padre, nascesse de

Cãt.c.8.v.1. Vide Glysl. hic, Expos. 1.§.Notãdũ. Sylv. Alleg. verb. Abraham. Genes.c.17. v.6. Glysl. in c.8. Cantic.v.8. Expos. fol. mihi 937. Sapient.c.8. v.2. Sylv. Alleg. verb. Elisabeth. Epist. ad Ephes.c.4. v.13. Sottomayor apud Glysl. ad c.7. Cãt. v.2. Expos.1 §. Tertio, fol. mihi 838. Matth.c.16. v.18.

Pedro, & da sua Esposa aquella fecundissima geraçaõ de tantos filhos, quantos entaõ nascéraõ à Igreja Catholica: *In die Pentecostes Petrus Apostolorum Princeps palam Divini verbi se exhibuit prædicatorem, unaque ejus prædicatione, atque unius ex uberis expressione tanta in Ecclesia genita Christo est fidelium proles.* Nem vos pareça impropria a allegoria dos desposorios espirituaes de Pedro com a Igreja, aos desposorios do nosso Monarca com a Serenissima Rainha; porque destes só houve sete filhos, & daquelles foraõ os filhos innumeraveis: pois na frase da Escritura os partos expressos no numero de sete equivalem a infinitos filhos, como se vè no capitulo segundo do primeiro livro dos Reys, porque dizendo a nossa Vulgata, que foraõ muitos, & infinitos os partos de Anna: *Donec sterilis peperit plurimos*, dizem os Setenta, que os partos de Anna foraõ só sete: *Donec sterilis peperit septem.* E huma Princeza com allegoria tam propria à nossa Serenissima Rainha, nos seus desposorios tem toda a sua grãdeza, porq os seus desposorios foraõ aquelles, que ao seu nascimento, acumuláraõ os rayos com que resplandeceo esta fermosissima Lua: *Quid faciemus sorori nostræ in die quando alloquenda est?*

Glysl. ad c. 8. Cant. v. 8. Expos. 2. §. Bene igitur, fol. mihi 935.

1. Reg. c. 2. v. 5. Vide Mendonça in Reg. tom. 1. ad vers. 5. 2. cap. n. 12.

Assim he, Serenissima Rainha, & Senhora nossa, assim he: o Oriente de V. Magestade foy pequena esfera para Lua tam soberana, curto Ceo para tam admiravel Sol, estreito mapa para Astro taõ maravilhoso. Foy Aurora que prognosticou tanta grandeza. No Oriente nasceo V. Magestade filha de Emperadores, de Reys, de Duques, de Marquezes, de Condes, de Viscondes, & de Baroẽs: mas nascendo filha de tantos Principes, nenhum Principe nasceo filho de V. Magestade. Só esta fortuna se reservou para os desposorios, renascendo V. Magestade Mãy de Reys, se no nascimento foy filha de Principes. Grande fortuna he nascer filha de Reys, mas he mayor a felicidade de quem pelos seus desposorios tem aos Reys por seus filhos. Mais illustre he para V. Magestade a Descendencia, que a Ascendencia, porque se a Ascendencia a fez a V. Magestade filha, a Descendencia a constituío a V. Magestade Mãy. Grande honra he ter o sangue dos Reys, mas mayor honra he dar aos Reys o sangue. *Clarior*, disse S. Pedro Damião fallando de outra Rainha, *clarior profecto fuit pro Avorum titulis, sed incomparabiliter clarior generositate prolis. Filia siquidem Regum, sed Mater Regis.* Ter a origem de Reys he singular brazão para quem não tem os Reys por seus descendentes; mas a descendencia dos Reys he brazão mais glorioso pa-

para quem pela descendencia, que dá aos Reys, fica Mây dos Principes.

Notey eu muito, que o Profeta Isaias fallando naquella sua celebre vara, em quem se figurou a mayor Princeza, nos dissesse, que havia de descender de Jesè: *Egredietur virga de radice Iesse*; & que nos não dissesse, que de David havia de proceder esta vara. David foy filho de Jesè, & Jesè foy pay de David: pois se David havia de ser mais immediato pay do que Jesè, porque nos não diz o Profeta, que David foy o pay daquella Princeza? Mais nobre tronco foy David, que Jesè, porque Jesè foy hum homem muito humilde, & David foy hum Rey muy soberano. Pois se o Profeta pertendia encarecer a nobreza da vara, porque fugio à regalia do tronco, tirando da arvore da geraçaõ a hum Rey, quando queria publicar o Real da geraçaõ? Nam vedes, que dizia que esta vara havia de dar por fruto huma flor, que era Christo: *Et flos de radice ejus ascendet*; o qual havia de reynar na Casa Real de seus Avòs: *Regnabit in domo Iacob*? Pois já que lhe dá a honra de ter por filhos aos Reys, pouco importa o nam fazer mençaõ de que os Reys foraõ seus Pays; porque mayor gloria he das Rainhas serem Mãys dos Reys, do que serem os Reys Pays das Rainhas.

Isai. c. 11. v. 1.

Ibidem.

Matth. c. 1. v. 32.

Esta foy a grande honra da mayor Rainha do mundo: & este foy o timbre da mayor Rainha de Portugal, darem-lhe tanta grandeza os seus Reaes desposorios, que nascendo S. Magestade filha de Reys, depois dos desposorios os Reys ficárão filhos de Sua Magestade: & com tanta singularidade, que raro será o Reyno do mundo, em quem com o tempo se nam veja coroado o Real sangue da Rainha nossa Senhora. Para Portugal foraõ tam celebres estes desposorios, que nos deixou S. Magestade nos nossos Serenissimos Principes cinco Trofeos da sua prodigiosa fecundidade: pertendendo cõ este numero dos partos igualar no escudo das Armas deste Reyno as Quinas de Portugal. E se no corpo de Christo se estampáraõ quatro chagas vivas, & huma morta: atè nesta prodigiosa allegoria foy singular a fecundidade de S. Magestade no numero de cinco; porque nas cinco Quinas de seus generosos filhos igualmente choramos a hum morto, que adoramos a quatro vivos. Esta he a nossa grande divida â Rainha nossa Senhora: & nam he menor a obrigaçaõ que os outros Reynos fóra de Portugal devem a esta Senhora Serenissima, pois lhes deixou duas Estrellas, com quem podem esmaltar as

suas

ſuas Coroas, jurãdolhes como a Rainhas a obediencia, para na vaſſalagem a tanta ſoberania poderem eternizar a ſua dita. A gloria dos Reys nam eſtá na fecundidade dos filhos, eſtá ſim na fecundidade dos filhos para ſerem Reys depois dos Pays. Terem os Reys filhos, & para os filhos nam terem os Reys Reynos, nem he para os Reynos ventura, nem para os Reys he fortuna. Por iſso os ſegundos deſpoſorios nam coſtumaõ ſer para as Rainhas muito felices, porque commũmente faltaõ os Reynos aos filhos dos deſpoſorios ſegundos. Terem porèm as Rainhas filhos que haõ de ſer Reys, & filhas que infallivelmente ſerâõ Rainhas, eſsa he a fortuna dos deſpoſorios Reaes. S. Mageſtade nos ſeus primeiros deſpoſorios teve as ſegundas vodas do noſso grande Monarca, mas ſendo as ſegundas foráo tam venturoſas, que para o noſso Reyno ſer ſó para os ſeus filhos, foy S. Mageſtade a que ao noſſo Reyno deu a baronia dos noſſos Principes. A Rainha noſſa Senhora foy a redempção do noſſo Sceptro, a firmeza da noſſa Coroa, & o reparo da noſſa ruína, porque ſó Sua Mageſtade acabou a eſterilidade para os noſsos Principes, dandonos herdeiros para o noſso Reyno. Nam ſaõ os filhos os que fazem fecundos aos pays; os filhos que hão de reynar, ſaõ os que fazem aos pays fecundos. Hum Rey com muitos filhos, ſem nenhum lhe poder ſucceder no Reyno, com toda a ſua fecũdidade ainda he eſteril, porq̃ a fecundidade dos Reys naõ he tanto em ordem aos filhos, quanto em ordem aos filhos poderem ſer Reys. Só S. Mageſtade foy Rainha fecundiſſima para Portugal, & para todo o mundo, porque para o mundo, & para Portugal deixou Rainhas, & deixou Reys.

He ſingulariſſima a oppoſição do Texto de Jeremias no capitulo 22. com o Texto de S. Mattheus no capitulo 1. Eſcreve, diz Deos a Jeremias, eſcreve, para que todo o mundo ſaiba, que Jeconias, ou Joakim, que tudo he o meſmo, he homem eſteril, & ſem ſucceſsão, porque eu não quero que tenha filhos: *Scribe virum iſtũ ſterilem, nec enim erit de ſemine ejus vir.* Podem haver palavras mais expreſsas donde conſte, que não teve filhos Jeconias? Não as pòde haver. Ora leamos a S. Mattheus no capitulo 1. *Iechonias genuit Salathiel, Salathiel autem genuit Zorobabel.* Jeconias, diz S. Mattheus, teve por filho a Salathiel, & Zorobabel foy neto de Jeconias, & deſte neto, & filho deſcreve S. Mattheus huma geração tam copioſa, que atè S. Joſeph refere nove deſcendentes, todos netos, & filhos de

Jerem. c. 22. v. 30.

Matth. c. 1. v. 12.

Jeco-

Jeconias. Claramente ſe vè a oppoſição do Evangeliſta com o Profeta: porque ſe Jeconias foy eſteril, he certo que não teve filhos: ſe teve filhos, he certo que não foy eſteril. Logo como podia ſer eſteril quem teve tantos filhos, & tantos netos? Foy eſteril eſte Rey, porque tendo netos, & filhos, para os filhos, & para os netos faltou o Reyno, porque nenhum neto, ou filho de Jeconias empunhou o Sceptro: *Nec enim erit de ſemine ejus vir, qui ſedeat ſuper ſolium David, & poteſtatem habeat ultra in Iuda.* E como a fecundidade dos Reys he mais para o throno, que para os filhos, por iſso foy eſteril hum Rey, que teve filhos, & não teve throno: *Scribe virum iſtũ ſterilem.* Só a Rainha noſsa Senhora teve eſta felicidade, porque dandonos tantos Principes, igualmente lhes deixou o Reyno na patria, que fóra da patria o dominio, tanto mais ambicioſamente pertendido, quanto mais as ſuas heroicas prendas ſe fazem obſequioſamente deſejadas. Mas ay! que durou pouco a Authora de tanta dita! pois ao tempo em que nos Planetas de ſeus Sereniſſimos Filhos, & nos rayos do ſeu preclariſſimo Eſpoſo prometião mayor duração os ſeus Reaes reſplandores, não ſó ſe eſcureceo como Lua nova, mas tambem ſe eclipſou no Quarto creſcẽte das ſuas luzes; & o Eſpoſo ſe eſcureceo como Sol, pois padeceo huma ſombra tam inhumana a Lua no ſeu Quarto creſcente: *Obtenebratus eſt Sol in ortu ſuo, & Luna non ſplendebit in lumine ſuo.*

Jerem. ubi ſupr.

Nam parou a Lua no Quarto creſcente dos ſeus deſpoſorios, mas delle ſubio ao eſtado de Lua chea nas ſuas grandes virtudes. O encher a Lua ao ſeu luminoſo gyro, he porque então tem em ſi toda a mageſtade dos ſeus rayos, apartando-ſe do Sol na diſtancia de cento, & oitenta graos. Sua Mageſtade para ſer Lua mais ſoberana, quaſi pela meſma diſtancia para ſer Lua chea, veyo de tam longe para ſe unir ao ſeu Sereniſſimo Eſpoſo, em cuja preſença intendendoſelhe os rayos, as virtudes a fizeſſem Lua chea de todas as perfeiçoens. As admiraveis acçoens de S. Mageſtade na viſinhança do Sol a fizerão Lua chea de reſplandores, porque foraõ heroicas as ſuas virtudes. Eſtendeo-ſe pelo ſeu Imperio a fama das ſuas excellencias, & aonde não chegou a ſua Real preſença, lá ſe ouvirão os eccos da ſua gloria. Todo o mundo foy o theatro das ſuas acçoens, porque a todo o mundo chegou a noticia da ſua piedade. As virtudes de S. Mageſtade où ſe podem conſiderar em ordem ao amor de Deos, ou ao amor do proximo: & em qualquer deſtes dous

objectos

objectos aonde consideremos as suas virtudes, foy sempre heroico o seu amor. Discursémos primeiro o amor de Deos, & depois discursaremos pelo amor do proximo.

Com as lagrimas nos olhos vendo S. Magestade aos seus Serenissimos filhos intimandolhes o amor de Deos, custumava dizer, que se suas Altezas nascèraõ para offender a bondade Divina, pedia ao mesmo Senhor q̃ assim como lhe fez a merce de lhos dar para o bem universal deste Reyno, assim lhe fizesse a graça de os levar para si antes que o pudessem offender. Oh palavras dignas de mayor lamina, que a minha voz! Oh Lua cheya de toda a Santidade! em quem o amor de Deos prevaleceo ao amor dos mesmos filhos, & do mesmo Reyno! Oh Rainha admiravel! em quem o amor de Deos prevaleceo às importancias da Coroa, & ás conveniencias dos filhos! Oh portentosa Princeza! em quem a vida dos filhos foy victima ao amor de Deos! A mayor disgraça dos Reys he, terem o seu coraçaõ na maõ de Deos: *Cor Regis in manu Domini*, & naõ regularem os Reys pela mão de Deos ao seu coração, prevalecendo nelles ao amor de Deos o amor dos filhos. S. Magestade foy a exceiçaõ desta regra, porque mais que aos filhos amou a Deos S. Magestade. Amou-os com hum taõ grande amor, que cada hum dos nossos Principes era o seu coraçaõ, & a sua vida: mas aborrecia-os com tão sagrada impiedade, que por amor de Deos mostrou que aborrecia aos Principes, porque lhes desejava a morte, se com a sua vida ouvesse de ser Deos o offendido. Amou a Deos S. Magestade como Deos quer ser amado, porque por amor de Deos chegou a mostrar, que aborrecia aos filhos.

Proverb. cap. 21. v. 1.

Quero, diz Christo, que todo o filho aborreça a sua mãy, & toda a mãy aborreça ao seu filho: quẽ o naõ fizer assim, naõ me pode seguir, ou seja filho, ou seja Mãy: *Si quis venit ad me, & non odit patrem, matrem, & filios, non potest meus esse Discipulus.* Este Texto he hum dos mais difficultosos, que tem toda a Escritura Sagrada, porque toda a mãy tem hum preceito natural, que a obriga a amar a seu filho, & todo o filho tem o mesmo preceito para amar a sua mãy: & agora, segundo a doutrina de Christo, a mãy, & o filho tem hum preceito divino para aborrecerem o mesmo que estaõ obrigados a amar. Os preceitos Divinos naõ encontraõ os naturaes. Amar por preceito a mãy ao filho, & o filho à mãy, & por preceito aborrecer a mãy ao filho, & o filho à mãy, he impossivel: pois como se hade amar, & junta-

Lucæ cap. 14. v. 26.

juntamente aborrecer ao mesmo objecto, para se salvarem estes dous preceitos. Parecevos impossivel este amor, & este odio? Pois tudo isto he possivel, & tudo isto quer Deos. Quer que o filho ame a mãy, & a mãy ame ao filho, quando o amor se não encontra com Deos. Quer q̃ o filho aborreça a mãy, & a mãy ao filho, quando se oppoem o amor do filho, & da mãy à honra de Deos: porque no segundo caso amase à mãy, & ao filho menos, & a Deos mais: & no primeiro amase ao filho, & à mãy mais, & a Deos menos. E o amor de Deos prevalecer ao amor da mãy, & dos filhos, he odio taõ sagrado, que he piedade nos filhos, & nos pays, ainda que pareça dureza nos pays, & nos filhos. *Valeat*, disse S. Cyrillo Alexandrino, *valeat omnino pietatis lex; recedat naturalis amoris vis, ut ita dicamus, pia duritia colatur Deus.*

Lib. 6. de Adorat.

Este he o mais alto ponto a que Deos sobio a fineza com que deseja ser amado: & tal, de algum modo, foy o excesso com que S. Magestade amou a Deos, mostrando como quem aborrecia, que desejava a morte aos mesmos filhos a quem amava, se o amor de Deos naõ fosse o fogo, que para a observancia da sua ley lhe abrazasse os affectos. Oh coraçaõ generoso! aonde o ser mãy naõ cegou ao amor, para à vista dos filhos se esfriar o amor, que se deve a Deos! Escrevase de sua Magestade com mayor gloria aquelle grande elogio, que se lé no Capitulo setimo do segundo livro dos Machabeos: *Supra modum autem mater mirabilis, & bonorum memoria digna, quæ pereuntes septem filios sub unius diei tempore, bono animo ferebat, propter spem quam in Deum habebat.* Esta fim, que he a mãy admiravel, & sobre todas digna de memoria eterna, porque tendo sete filhos, a todos vio mortos em hum só dia com os olhos enxutos, & com o coraçaõ inteiro pelo amor que tinha a Deos. Na nossa Serenissima Rainha parece que foy mais heroico o amor, que na mãy daquelles sete filhos; porq̃ a mãy intimavalhes a observancia da ley: *Singulos hortabatur*, mas a nenhum desejava a morte. S. Magestade porèm desejava a morte aos filhos, quando lhes intimava a observancia, se com a sua vida ouvesse de ter a Ley de Deos a menor quebra. Aquella Mãy a todos os sete filhos intimava o morrer antes que peccar, mas naõ nos consta, que para naõ peccarem pedisse a Deos a morte para os seus filhos: S. Magestade lhes pedia a morte ao tempo, em q̃ lhes intimava a observancia. E se quem pareceo menor na fineza que S. Magestade, foy a mãy admiravel por antonomasia: *Supra modum autem mater mirabilis*, porque o amor de Deos prevaleceo ao amor dos filhos.

Machab. l. 2. cap. 7. v. 20.

V. 21.

Propter

Propter spem quam in Deum habebat : a nossa Sereníssima Rainha tirou àquella mãy a singularidade, porque em mais indelevel lamina abrio o amor de Deos a sua memoria: *Et bonorum memoria digna.* E porque naõ posso ponderar como devia os heroicos excessos do amor de Deos, que se viraõ em S. Mageſtade, por naõ offender a todos com as minhas vozes, deixemos as demais finezas no sepulchro do seu mesmo coraçaõ, porque de là bradaõ com mais encarecida retorica, do que o meu discurso pòde exagerar a sua grandeza: & assim deixando o amor, lhe ponderemos sómente os effeitos.

Piamente podemos crer, q̃ o amor, com que S. Mageſtade amou a Deos, foy aquelle donde se lhe originou a certeza da sua morte, dizendo, antes da sua doença, a muytas pessoas, q̃ brevemente havia de acabar a sua vida: & apenas teve o primeiro aviso da sua enfermidade, logo se aparelhou para a sua morte, contra o parecer dos medicos, por naõ consideraré ainda perigo, pedindo repetidas vezes o Viatico; & para o poder conseguir depois de ter expressado o seu desejo, se valeo de S. Alteza, para q̃ pedisse a S. Mageſtade lhe quizesse permitir esta espiritual consolaçaõ; & por mais que se replicasse que o perigo naõ pedia com tanta pressa esta diligencia, o fogo do amor de Deos, que ardia no coraçaõ de S. Mageſtade, lhe assegurava o perigo, porque lhe deu o conhecimento da hora. Oh Sereníssima Rainha, que assim vivestes, q̃ soubestes morrer assim! *Illum orientem alitem*, dizia Tertulliano fallando da Pheniz, *illum orientem alitē de singularitate famosum, qui se ipsum libenter funerans renovatur, natali fine discedens.* Oh ditosa, & singular Pheniz! pois sendo a todas as aves a morte improvisa, a ti te acha taõ prevenida, & taõ certa do teu fim, que de aromas formas a fogueira; & com as tuas azas acendes o fogo, para que abrazandote possas renascer a melhor vida! Oh Sereníssima Senhora! pois estando nòs todos ameaçados, que quando menos o cuidarmos, nos hade assaltar a morte: *Qua hora non putatis, Filius hominis veniet*; V. Mageſtade anticipadamente sabedora da ultima hora, se prevenio com os aromas dos Sacramentos, para que acendendo o fogo do amor, se abrazasse nas suas chamas, para renascer a melhor vida! Mas hum incendio abrazado, no coraçaõ tambem tem lingua no seu fogo, para dizer a quē se hade consumir, a hora em que se hade abrazar.

Tertul. l. de Resurrect. carnis cap. 13

Lucæ cap. 12 v. 40.

Do amor de Deos, & dos seus effeitos passemos para o amor do proximo, & veremos como S. Mageſtade nesta virtude foy taõ

 heroica,

heroica, que o amor do proximo a fez Lua cheya nas prerogativas. Passo em silencio a singular humildade com q̃ S. Magestade lavava os pès aos pobres mais asquerosos todas as Sestas feiras da Quaresma, buscando naquellas aguas refrigerio aos seus incendios. Naõ repito a piedade com que as suas Reaes maõs lavavaõ, & pensavaõ aos mininos mais desemparados, a quem a sua industriosa charidade buscava, para desabafar o grande fogo do amor do proximo, que lhe abrazava o coraçaõ. Naõ digo aquella altissima virtude com que desaboreado com algũa inadvertencia o seu gosto, apenas lhe satisfaziaõ a sua queixa, quando deposta toda a Magestade, a sua soberania, como se fosse a culpada, era a que pedia o perdaõ, quando a indulgencia devia ser sua. Naõ acclamo os infinitos triumphos com que o seu Christianissimo zelo â custa de grandes dispendios christianizou no sagrado do Sacramento, o que infallivelmente, senaõ fosse o seu cuidado, viria a ser delito, convertendo o seu soccorro em matrimonio, o que sem esta diligencia inevitavelmente seria escandalo. Nenhuma destas heroicas acçoens declamo, porque de nada serve a sua repetição, mais que para dar forças à nossa magoa o sentimento de perda tão grande. Só não calarei aquella grande virtude com que as Reaes maõs de S. Magestade de dentro da sua liteira repartiaõ as esmolas. O dar esmola, nos Principes he obrigaçaõ da sua soberania; mas ser a sua mesma mão a que reparte a esmola, essa foy a especial generosidade da Rainha nossa Senhora, porque para os officios da comiseração não queria ter ministro, só porque a sua mão fosse o instrumento, que remediasse as nossas miserias. Como nos amava com hum amor tão raro, por isso com a sua mesma mão dava as esmolas. Não se vè o amor no muyto que se dà; mas em ser a mão de quem dà, o instrumento do remedio, nisso he que consiste o amor de quem reparte as esmolas por affecto. Hum Rey acudir á necessidade do vassallo, he fineza do seu animo generoso; mas dar o Rey com a sua mesma mão o remedio, isso he fineza do amor com que ama ao vassallo, a quem faz o beneficio.

Ugo hic

Propoz Christo hũa celebre parabola no capitulo 11. de S. Lucas. Havia hum homem, diz o Senhor, havia hum homem, o qual na opiniaõ de Ugo foy Christo. Succedeo, que muyto tarde lhe bateo hum amigo á sua porta, pedindolhe soccorro para a sua miseria. Estava o Senhor da casa recolhido com toda a sua familia, mas só o Senhor ouvio a voz, & escusandose de não poder satisfazer á supplica;

respondeo

respondeo que os seus criados estavaõ jà todos recolhidos, & lhe não era possivel levantarse para satisfazer á sua miseria: *Et ille deintus respondens dicat: Noli mihi molestus esse, jam ostium clausum est, & pueri mei sunt mecum in cubili, non possum surgere, & dare tibi.* Instou de novo o affligido, & diz o Texto que em pessoa viera o Senhor da casa a remediarlhe a miseria: *Surget, & dabit illi quotquot habet necessarios.* Notese, q̃ estar do este homem com os seus ministros: *Pueri mei mecum sunt in cubili*, so o Senhor da casa ouvio a voz, porq́ só este respondeo: *Et ille intus respondens.* Tendo este homem ministros, só o homem se levanta para dar ao necessitado o soccorro: *Surget, & dabit illi.* Pois se este homem tem ministros para a decencia do seu serviço, como só o homem responde, & os ministros naõ ouvem? Como só o homem se incomoda, se os criados se não levantão? Naõ vem, que, como disse Ugo, este homem era Christo, & Christo era Rey: *Ubi est Rex?* & Rey com especial amor ao homem a quem remediava: *Surget, eo quod amicus ejus sit?* Pois para provar o amor, não havia o Rey fiar de outrem a esmola, só com a sua mesma mão lhe havia de fazer o beneficio. Tendo ministros para o decoro da Magestade: *Pueri mei*, só para as obras de compaixão naõ tinha ministros, porq́ a sua generosidade, & o seu amor o obrigava a ser elle o instrumento, que remediasse aquella miseria: *Surget, & dabit illi.*

Luc. cap. 11. v. 7.

Matth. cap. 2 v. 2.

Lucæ cap. 11. v. 8.

Assim provou aquelle Rey o seu amor para aquelle necessitado; & assim provou a nossa Serenissima Rainha o seu amor para todos os miseraveis, sendo a sua Real mão a que distribuía os beneficios. Como o seu amor para cada hum dos seus vassallos era excessivo, por isso para cada hum dos vassallos era tão extremosa, que a sua mesma mão soccorria a miseria, para remediar em cada hum a pobreza. Naõ se admire já Salamaõ daquella mulher forte, que com a sua propria mão dava as esmolas: *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem*; porque jâ os nossos olhos virão em Portugal, não a hũa mulher, mas a hũa Rainha fazer semelhante fineza. E se nesta misericordia descreveo Salamaõ àquella mulher forte todo o seu encomio: *Laudent eam in portis opera ejus*; nesta virtude façamos nòs todo o Panegyrico a S. Magestade. E se às outras Rainhas costumão os Panegyristas descreverlhe para a sua grandeza os titulos do seu sangue, & da sua regalia; hoje seja o titulo de S. Magestade a sua misericordia, disse em semelhante acto o Alapide: porq́ na sua pessoa teve S. Magestade toda a sua grandeza: *Jactent alij Patrum*,

Proverb. cap. 31. v. 20.

Alap. ad locum Prov. ubi supra

trum, & Avorum facta; at Heroina hæc sua opera, non aliena promit, ab ijs que se laudabilem efficit: porque esta piedade enchendo em S. Magestade a roda de sua grandeza, a fez Lua cheya na multidaõ de tantos resplandores. Mas ay ! que curta foy a gloria da Lua no enchente das suas prerogativas! pois devendose mayor duraçaõ aos seus rayos, desandou apressadamente a roda, & se lhe eclipsou mortalmente a luz, porque tambem no Sol por sentimento se lhe encubriraõ os reflexos, porque tambem mortalmente se lhe desmayáraõ os rayos: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendebit in lumine suo.*

Chegou emfim aquelle infausto dia, em que perdendo a Lua toda a sua gala, havia de ter o Quarto mingoante da sua morte, porq̃ em quatro de Agosto mortalmente se lhe eclipsaraõ as luzes, sendo em quatro de Agosto o fatal dia do seu eclipse. Podia a morte esperar hum dia depois, mas por tirania anticipouse hum dia primeiro, porque quiz que madrugasse a nossa disgraça, antes que o curso da vida fizesse a carreira dos annos, & pertendeo que em quatro de Agosto se puzesse o Sol, primeiro que em seis de Agosto nascesse a Aurora. A morte costuma ser o termo dos annos; mas neste caso forao os annos o termo da morte. A morte he depois do dia dos annos; mas na queda deste Real Astro a morte foy antes, & os annos depois, porque os annos foraõ o dia, & a morte a vespora; & vespora taõ triste, como não havia de ter dia de annos taõ funebre? O funebre dos annos não está na morte, se a morte se pospoem, ou se anticipa: anticiparse porèm de maneira, que para não se cumprirem os annos, na vespora dos annos dè a morte o golpe! esta he a circunstancia que faz funebre aos annos, porque esta circunstancia he quem faz infelices aos annos, & ao dia.

O dia dos annos mais funestos, & mais sentidos que ouve, ou pòde haver, foy o dia 25. de Março, em que Christo se sepultou. Que fosse verdadeiramente o dia dos annos de Christo he indubitavel, porque encarnando Christo em os 25. de Março, & sepultandose no mesmo dia segundo a mais provavel opiniaõ, veyo a ser dia dos seus annos o dia do seu sepulchro. E como Christo no Sacramento hum dia antes dos annos: *Ante diem*; ou como diz a Igreja: *Pridie quam pateretur*, anticipou a sua morte: *Recolitur memoria passionis ejus*; annos que foraõ termo da morte, & tiveraõ a morte por vespora, assim foraõ infaustos, que a todo o mundo por magoa sepultàrão em tristes sombras: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.*

Joan. cap. 13 ṽ.1. Ex Eccl.

Matth. cap. 27. v. 45.

Se

Se jà não foy, que assim como para a nossa disgraça se anticipou para S. Magestade a morte aos seus annos, assim tambem os annos para a nossa magoa se anticipàrão para S. Magestade experimentar o intempestivo do golpe. Os annos foraõ em seis, & a morte em quatro; mas o que foy para a morte quatro, foy para os annos seis; & o que para os annos foy seis, para a morte foy quatro, porque os quatro que haviaõ de ser quatro, foraõ seis, & os seis que para os annos deviaõ ser seis, para a nossa dor foraõ quatro. Nasceo S. Magestade em dia do grande Patriarcha Saõ Domingos, que verdadeiramente em seis de Agosto teve o seu dia, porque entaõ se sepultou a sua Estrella. Mas a Santidade de Paulo IV. a morte de S. Domingos que succedeo a seis anticipou aos quatro: *Paulus Quartus quarto celebrari jussit, licet obierit ille die sexta*, disse Gavanto: & S. Magestade para realmente morrer no dia em que nasceo, teve a morte em quatro, nascendo em seis; porque o dia seis se anticipou para quatro. E quem teve o nascimento em seis, que ao depois vierão a ser quatro, era justo que morresse em quatro, que em todo o rigor forão seis. O dia de S. Domingos segundo a ordem commua do rito da Igreja, cahindo em seis, que pela solemnidade da Transfiguraçaõ estava occupado, havia de passar para sete; mas mysteriosamente se anticipou para quatro, porque como S. Magestade havia de morrer em quatro, sem chegar a seis, & neste mingoado accidente naõ havia de guardar alguma ordem a morte; anticipouse S. Domingos para quatro, para que no dia da morte tivesse S. Magestade o dia dos annos: & se a Rainha nossa Senhora os naõ havia de exceder, nem ainda igualar, não passe o sagrado do dia a sete, antes se anteponha a quatro, porque morrendo S. Magestade em quatro, virá a ter S. Magestade trinta & tres annos perfeitos, não os igualando, nem os excedendo.

Gavan. fol. mihi 128. Sect. 7. cap. 10. ad diem 4. Augusti.

No Occaso das luzes primeiro se enluta o Sol, que cayaõ as Estrellas: *Sol obscurabitur, & Stellæ cadent*; mas para o Occaso q̃ chamamos ser singular em todo o Occidente, primeiro cahio no dia de S. Domingos a Estrella, que se transmudasse em a Transfiguraçaõ o Sol; porque quem na Transfiguraçaõ ha de ter o sepulchro, he bem que no dia da Estrella tenha o Occaso.

Matth cap. 24. v. 29.

Tres notaveis unioens considerou a Igreja em Christo no dia da Epiphania. O ser Rey: *Regis potentia*, o ser Sacerdote: *Sacerdotem magnum*, & a sua sepultura: *Dominicam sepulturam*. No ser Rey lhe advertio a Magestade. No ser Sacerdote lhe ponderou o Sacrificio cruento,

Ex Eccles.

cruento, & incruento, porque em ordem a estes dous Sacrificios foy o Sacerdocio de Christo. Grande mysterio! No mesmo dia Rey, sacramentado, morto, & sepultado? tudo unido? tudo conforme! Sim: porq unida a sepultura á Euchariſtia, unia o sepulchro ao Sacramento, o qual diz o Alapide foy a Transfiguraçaõ de Christo: *Christus in Eucharistia transfigurari videtur; transubstantiatio enim est quasi accidentium transfiguratio.* E como o dia da Epiphania foy o dia da Estrella: *Vidimus stellam*; era justo que no dia da Estrella se considerasse o Occaso de hum Rey, que á Transfiguraçaõ havia de unir o sepulchro. Ao nascimento do Rey se une a Transfiguraçaõ, & a sepultura, porque parece não póde haver para os Reys melhor Estrella, que unir a sepultura, & a Transfiguraçaõ ao seu nascimento.

Alap apud Syl. Conc o- nat. Joan. 2. fol. 429. Matth. cap. 2. v. 2.

Este dia que entre o nascer, & sepultar de S. Magestade conservou a distancia de trinta & tres annos, teve presença taõ admiravel, q̃ o nascer que já tinha sido, se unio ao sepulchro que ainda havia de ser: & o sepulchro, que havia de ser, uniose ao nascimento que já tinha sido. Hum dia, dizia David, falla com outro dia: *Dies diei eructat verbum.* Já vedes a implicaçaõ: porque para dous fallarem, ambos de dous coexistem, & quando hum dia chega, já o outro foy: logo não podem fallar. Sim podem, diz Agostinho; porque estes dous dias que fallão, saõ o dia do nascimento, & da sepultura de Christo: *Dies Nativitatis loquitur diei passionis.* Como póde ser, Agostinho, verdadeira esta proposição? A sepultura foy trinta & tres annos depois do nascimento, & o nascimento trinta & tres annos antes da sepultura: pois como se uniraõ, & como fallarão? Sabeis como? Unindose o que havia de ser trinta & tres annos depois, ao que tinha sido trinta & tres annos antes, porque não he novidade nos Reys o nascimento que foy, unirse á sepultura que será, & a sepultura que será, unirse ao nascimento, que foy. Estes dous dias se uniraõ, porque he privilegio dos Reys que morrem de trinta & tres annos, fazerem presentes o dia em que nascem, & o dia em que se sepultão. Nasceo S. Magestade em seis, & em seis juntamente se sepultou, porque como morreo de trinta & tres annos, nos Reys, que morrem assim, he costume fallarem estes dous dias com tal proporção, que ambos se unem, para que ambos discorram: *Dies diei eructat verbum.*

Psalm. 18. v. 3.

Aug. Serm. 18. in Nat. D. qui est 22. de temp. Tom. 10.

Mas se S. Magestade se sepulta em seis, que he o dia em que nasceo, como morre em quatro? Não vedes que o dia seis tinha sido seu

pelo

pelo nascimento, & não tinha sido seu por qualquer successo o dia quatro. Pois morra em quatro, & não em seis, porque quem em seis hade ter o sepulchro que não he seu, he bem que morra em quatro, para ter em dia que não he seu, a morte, como senão fora sua.

St. M. no sepulchro de .. A.

S. Gregorio Nisseno affirmou que Christo morrèra no dia 24. de Março, quando se sacramentou, prevenindo, & anticipando a morte, que havia de ter em o dia 25. *Sic que constat prævenisse mortem suam, quam postridie, scilicet die Veneris Judæi in Cruce ipsi visibiliter erant illaturi.* Mas se Christo se hade sepultar na Sesta feira que ham de ser 25. para que se anticipa a morrer na quinta feira, que saõ 24? Direi: Nos 25. foy o dia dos annos de Christo, porque em 25. de Março encarnou o Verbo; & deste dia, diz Alberto Magno, se lhe devem principiar a contar os annos a Christo: *Justus incipit Deo vivere à die suæ conceptionis, malus autem à die nativitatis in mundum, quia solum mundo natus est.* Christo no dia dos annos, q̃ foy aos 25. havia de ter o sepulchro em hũa se pultura que não era sua. : *Posuit illud Joseph in monumento suo.* E quem no dia dos annos ha de ter a sepultura, que não he sua, he bem que no dia antes tenha a sua morte, para que morra em dia que não he seu, como se a morte não fosse sua.

Greg. Niss. Orat. & 2. Resurrect. Vide Alap. in c. 12. Matth. v. 40.

Albert. Mag. de Laud. Virg.

Matth. cap. 27. v. 60.

Demais, que sendo S. Magestade nos privilegios Aurora, a Aurora tem a prerogativa de morrer antes dos annos, & no dia dos annos ter o enterro. Morre antes dos annos a Aurora, porque se o Sol he quem faz os annos, antes que o Sol chegue, a Aurora morre. Tem porèm no dia dos annos o enterro, porque se sepulta no dia em que o Sol principia o gyro dos annos. E se S. Magestade foy a Auro-ra, que no nosso Emispherio annunciou o nascimento do Sol, como não havia de experimentar antes dos annos a morte, para ter no dia dos annos a tumba? A Aurora he mãy do Sol, & o Sol he filho da Aurora: mas a mãy como Aurora morre depois, porque na noyte precedeo à Aurora a morte do Sol: & o Sol como filho morre primeiro, porque o sepulchro do Sol na noyte chora na madrugada a Aurora. Justo era que o Principe como filho morresse primeiro que a Mãy como Sol, & a Mãy como Aurora morresse depois, para que o Sol deixando no dia dos annos o sepulchro, permitisse á Mãy como Aurora ter nelle o deposito.

O Sol, & a Lua quãdo paraõ, costumaõ parar no mesmo lugar: *Sol & Luna steterunt in habitaculo suo.* E se o Filho como Sol tinha parado no lugar do sepulchro primeiro que a Mãy, parando ao depois a

Habac. cap. 3. 11.

Mãy como Lua, não podiaõ ambos ter o mesmo lugar, se o filho naõ deixasse o tumulo, para a mãy ter o enterro. Joaõ chegando primeiro que Pedro à cova, ao depois quando veyo Pedro deulhe Joaõ a preferencia para entrar na sepultura: *Venit ergo Simon Petrus sequens eum, & introivit in monumentum.* E se em Joaõ he nativo este obsequio: como o Principe D. Joaõ naõ daria a sua Serenissima Mãy a primazia, para q̃ S. Magestade tivesse no tumulo a preferencia? O golpe que a morte inhumanamente deu no Principe em 17. de Septembro, onze annos primeiro que na Serenissima Rainha empregasse o tiro, mortalmente ferio à Mãy que estava viva. O filho defunto onze annos depois, tambem se lastimou pela semrazaõ da morte: & se para nós morreo o filho tantos annos primeiro, agora para acrescentar a nossa disgraça, renasce das mesmas cinzas, para tornar a morrer por sentimento no dia em q̃ a Mãy se sepulta morta. E se a mãy morreo em quatro, tendo nascido em seis, o filho deixou o sepulchro em seis, tendo nascido em trinta, para q̃ no filho tivesse a mãy a morte no dia dos annos, & o filho no dia dos annos da mãy tornasse a morrer à força do sentimento. No dia da Transfiguraçaõ se vio ao Principe Moyses deixar o sepulchro: *Et ecce apparuerunt Moyses, & Elias:* deixe logo no mesmo dia o Principe D. Joaõ a cova, para que o dia 6. de Agosto em que na Transfiguração se fallou de huma morte taõ sentida: *Dicebant excessum ejus*, se proporcione a outro dia do mesmo mysterio, aonde ha de ser sentida hũa morte taõ desarrezoada; & para que não falte circunstancia, deixe o Principe D. Joaõ o tumulo, jà que Moyses nesse dia deixou o sepulchro.

Joan. cap. 20 v. 6.

Matth. cap. 17. v. 3.

Lucæ cap. 9. v. 28.

Dividio S. Magestade o dia da morte do dia dos annos, porque se com os annos tinha honrado ao dia seis, agora quiz honrar com a sua morte o dia quatro. Mas ay! que podendo ser outro qualquer dia, o dia deste Occaso, foy o dia quatro de Agosto o dia deste eclipse! Está a morte de posse de fazer infausto para Portugal a este dia, & para não perder ao seu direito, se em quatro de Agosto virou o seu relogio nos campos de Africa para acabar a vida de hum Rey Portuguez; no mesmo dia applicou em Lisboa a sua fouce, para cortar a vida de hũa Rainha de Portugal. Cento & vinte & oito annos esteve a morte apontando este tiro, para despedir do seu arco com mayor impulso esta setta, julgando ser conveniente tirar a Portugal huma Rainha, no mesmo dia em que tirou hum Rey a Portugal: ou porque a perda era igual, ou porque o golpe era mayor: & para que

A batalha delRey D. Sebastião foy a 4. de Agosto.

que em tudo fossem proporcionados os successos, era bem que no mesmo dia tivessem estas duas mortes a sua representaçaõ. Neste dia quatro de Agosto, ha cento & vinte oyto annos, que em Tangere chorou sangue o Ceo: & desde o dia quatro de Agosto atè esta hora, ha jâ hum mez continuo, que as pedras em Lisboa estão chorando o sangue do coraçaõ, porque a melhor Pedra de Portugal em cada instante deste mez se està desfazendo em torrentes de agua, para sentir condignamente a hũa tal morte. A pedra do deserto, a penas morreo Maria em Cadés, logo se desfez em agua no mesmo lugar aonde Maria morreo: *Mortua est ibi Maria. Egressæ sunt aquæ largissimæ*: & a Pedra da nossa Corte derreteose em lagrimas, porque com a morte de Maria ficou o seu Palacio deserto. Maria quando morreo na idade de cento & vinte annos, chorárão as pedras a sua morte, sendo a sua idade taõ longe: & como não chorarà a Pedra de Portugal a morte de Maria na idade de trinta & tres annos, aonde a sua vida foy tanto mais curtamente medida, quanto mais brevemente cortada? A circunstancia do sentimento das pedras na morte de Maria foy ser a sua morte em Cadés, que se interpreta mudança: *Cades mutatio*: & que Maria se mudasse, para que em trinta & nove annos de mudança tivesse intempestuosamente a sua morte, he fatalidade tão grande para o sentimento da sua perda, que até as pedras chorão por sentimento o seu Occaso! Que Maria deixasse o Egypto para se mudar para Cadés! Que S. Magestade deixasse Alemanha para se mudar para Portugal; & que trinta & nove annos de mudança bastasse para matar em Cadés a Maria! & escassamente doze annos de mudança dessem em Portugal a S. Magestade a morte! essa he a vara, que fere a Pedra Pedro, para chorar a morte de Maria na sua mudança; pois esperando que a mudança a eternizasse em Portugal em mais longa vida, a mudança a arrebatou para tão breve morte. Oh dia funesto para Maria que morre, porque se mudou! & para Pedro, que desejando mudar-se para se enterrar vivo com Maria morta, por mais q̃ Pedro se queira matar, naõ pòde Pedro morrer. No dia desta morte experimentamos tres golpes em Portugal: hum em Africa para a vida delRey D. Sebastiaõ, outro em Lisboa para a vida da Serenissima Rainha D. Maria, & para o sentimento do nosso Serenissimo Rey outro. E tres lançadas em o nosso coraçaõ em hũ sò dia, porque senaõ estragarà a alma para a dor de tantas perdas, & para o justo sentimento de golpes taõ penetrantes! Atègora experimenta-

Faria no Epit. na vida delRey D. Sebastiaõ.

Numer. cap. 2. v. 11.

Sylv. Alleg. verb. Cades.

mentavamos , que no dia da morte das Rainhas morriaõ as Rainhas, & ficavão os Reys: mas neste dia , a pezar da nossa dor, morrem os Reys, & mais as Rainhas. As Rainhas morrem, porque acabaõ: os Reys morrem, porque se magoaõ. Huma vida cortada tanto em flor! hũa vida na primavera taõ tiranamente cortada , igualmente he morte do Esposo, que da Esposa. Antes naõ he tanto morte para a Esposa que morre, como he morte para o Esposo que fica sem a Esposa. A Esposa morre , porq̃ fenece, mas a sua morte mais he para o Esposo que fica, porq̃ para a dor do Esposo, só costuma ser a morte da Esposa.

Chorava Jacob a morte de Rachel, & chorava assim: *Mihi enim quando veniebam de Mesopotamia , mortua est Rachel.* Para mim, dizia Jacob, morreo Rachel. Para mim? notavel modo de fallar! Para si he que havia de dizer Jacob que morrèra Rachel, porque Rachel foy a que morreo. Pois como não diz que Rachel morrèra para Rachel, mas que Rachel morrèra para Jacob: *Mihi mortua est*? Bem se declara o Patriarca: porque diz, que Rachel lhe morrèra na primavera: *Erat vernum tempus:* & quando na primavera, ou pelos annos, ou pelo tempo morrẽ as Esposas, mais he a morte para o Esposo que fica, que para a Esposa, q̃ acaba. A Esposa fenece, porque morre: *Mortua est*; mas porque o sentimento naõ póde acabar ao Esposo, por isso para o Esposo he a morte da Esposa: *Mihi mortua.* Bem o temos visto no Quarto mingoante da nossa fermosissima Lua ; pois não só a Lua foy a eclipsada, mas tambem o Sol ficou escurecido: & assim ambos ficavam igualmente mortos. A Lua, porque na vespora dos annos padeceo o golpe mais deshumano; o Sol, porque pertendendo morrer, naõ o pode o sentimento matar: *Obtenebratus est Sol in ortu suo , & Luna non splendebit in lumine suo.*

Gen cap. 48. v. 7.

Ibidem.

Tenho acabado o Panegyrico, ainda q̃ não tenha satisfeito à grandeza do assumpto. Este foy o Quarto mingoante desta morte para a nossa dor, & naõ deve ser menos efficaz para o nosso desengano; porque se para os Reys, & para as Rainhas ha morte, que temos nós que esperar da vida? Sendo a morte taõ certa, & taõ commua no mundo, naõ ha cousa no mundo mais incrivel, que haverem de ter as Rainhas , & os Reys morte. Assim vivemos enganados com a morte dos Principes , que nos não persuadimos que morrem os Reys. Sam Pedro prègando de semelhante argumẽto, acabou o seu Sermaõ pedindo aos seus ouvintes perdão de que no seu discurso lhe

tinha

tinha dito hũa grande temeridade: *Viri fratres, liceat audenter dicere ad vos.* Meus irmaõs, dizia Pedro, sejame licito dizervos hũa temeridade. Usou o Apostolo, diz Ugo, desta cautela para que os ouvintes se naõ indignassem contra o Prègador: *Hoc dicit ne indignarentur.* E que temeridade podia dizer hũ Apostolo, contra quem se pudesse escàdalizar o auditorio? Elle mesmo o disse: *liceat audenter dicere ad vos de Patriarcha David, quoniam defunctus est, & sepultus.* Disselhe o Apostolo, q̃ elRey David morrèra, & se sepultára. E assim crem os homens immortaes aos Reys, que ainda na bocca de hum Apostolo julgaõ temeridade o dizerselhes, que para hum Rey ha sepultura, & morte. Quam temeraria seja esta presumpçaõ, bem o vimos nesta morte, pois quem alli està morta, & sepultada, he hũa Rainha. Sò na casa Real de Portugal em taõ poucos annos temos visto a morte de dous Reys, de tres Rainhas, de dous Principes, & de duas Princezas: & repetiçaõ de taõ funestas mortes, naõ nolas mete Deos em casa sem especial Providencia. Abramos os olhos, & deixemos de ser cegos. Consideremos o que somos, & desenganemonos, que para a morte naõ aproveita nada. Não o illustre do sangue, porque alli està morta hũa Rainha illustrissima. Não as veneraçoens da Coroa, porque alli està enterrado hum Cetro. Não os annos, porq̃ alli està a Primavera amortecida. Não as prendas, porque os attributos mais soberanos tambem alli estão sepultados. Todas as casas Reaes da Europa estão alli dentro naquella Urna, & todas mudamente nos bradão, que alli vai a parar tudo. E se esta he a resolução de todas as Reaes casas, aonde hamde hir parar as particulares, por mais illustres que sejão? Alli as espera o seu termo, porque aquelle tumulo he o eclipse universal de toda a Mageltade, o Occaso de toda a luz, & o Occidente de todos os Astros, porque alli igualmente se assombra o Sol, q̃ se escurece a Lua. A Lua alli jaz ha muitos dias: desenganese agora o Sol, & mais as Estrellas, que supposto tenhaõ o curso mais vagaroso, tambem hamde chegar àquella Urna, porque tambem alli hamde ter morte os seus rayos: & por mais soberanos q̃ sejão os seus resplandores, todos depois de eclipsados hamde depender de q̃ a nossa piedade lhes diga a cada hũ, hum *Requiescant in pace.*

Actor. cap. 2 v. 29.

Ugo hic.

Ibidem.

FINIS.

LICENÇAS.

VIſtas as informaçoens, pódeſe imprimir eſte Sermaõ, & depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrá. Liſboa 9. de Outubro 699.

Caſtro. Diniz. Carneiro. Fr.G.

POde-ſe imprimir o Sermaõ de q́ eſta petiçaõ trata, & depois de impreſſo tornarà para ſe lhe dar licença para correr. Liſboa 10. de Outubro de 699.

F.P.Biſpo de Bona.